

De juros e preços

JOELMIR BETING

Os juros da dívida e os termos do comércio explicam a "latin debt crisis", discutida em Cartagena pelos dez maiores endividados do continente. O importante, segundo o Chanceler Saraiva Guerreiro, é não perder de vista a relação entre a capacidade de pagar a dívida em dólar e a possibilidade que tem o devedor de produzir esse mesmo dólar.

Elementar. Dívida externa só pode ser paga por saldo de comércio. Caso contrário, a Casa da Moeda resolveria o problema em regime de hora extra. O próprio Tesouro Nacional entulharia o credor europeu ou americano com montanhas de ORTNs — Obrigações Internacionais do Tesouro Nacional, com livre curso nas praças financeiras do planeta das mil e uma notas.

Desde 1979, na constatação desconsolada de Cartagena, a América Latina penhorada em dólar está perdendo bilhões na remarcação extorsiva dos juros da dívida e outros bilhões na deterioração dos termos de comércio — preço de exportação caindo, preço de importação estável ou subindo. Sem contar a recaída do protecionismo comercial dos países ricos, que estaria reduzindo de US\$ 5 bilhões este ano, o potencial de vendas do Brasil, na estimativa de Carlos Viacava, da Cacex.

Quase indignado, o Ministro Camilo Penna observa que "o Governo Figueiredo dobrou a dívida externa do Brasil não para executar obras, realizar projetos ou pagar as contas, mas para tão-somente executar a remessa dos juros triplicados e financiar as perdas de comércio exterior".

A partir desta Conferência Latino-Americana de Cartagena, — nível diplomático — espera-se a colocação de dois satélites em órbita de reflexão planetária:

1) O da mudança nas regras do jogo bruto do sistema financeiro, com a desmontagem dos juros "flutuantes" nos empréstimos internacionais de médio e longo prazos;

2) O da reforma dos termos da intercâmbio comercial, com tratamento diferenciado ou preferencial para as exportações dos países endividados, a bem dos próprios credores.

Sai o FMI, entra o GATT.

Pois o Secretário-Geral do GATT (Acordo Geral Sobre Tarifas e Comércio), Arthur Dunkel, acaba de vestir a camisa dos endividados na Câmara Internacional de Comércio, em Estocolmo:

"Os saldos comerciais penosamente acumulados pelos países devedores não estão cobrindo nem a metade da remessa dos juros da dívida. E no regime atual, os devedores não podem vender mais nem comprar menos. E não tendo como ampliar os saldos, o impasse físico da dívida externa, de natureza meramente cambial, acabará incendiando os dois lados do balcão, jogando devedores e credores na mesma cova. Não basta, pois, reduzir os juros, é urgente, ao mesmo tempo, remontar os termos de troca vigentes até 1979, antes da 'debt crisis' mundial."

Documento divulgado ontem em Cartagena, pela Secretaria da Conferência, dá números aos bois do impasse: ano passado, os juros devoraram 48 dólares de cada 100 faturados pelas exportações brasileiras (a qualquer preço). No Chile, 42. No México, 38. Na Argentina, menos mal, 26. Este ano, o saldo brasileiro projetado entre 9,1 e 10,5 bilhões de dólares, objetivo

leonino, não cobrirá sequer o montante dos juros, estimado em US\$ 11 bilhões, se a taxa contentar-se com 12,5 por cento.

A retrospectiva é de arrepiar a alma: em 1976, ainda nas marolas da primeira onda de choque do petróleo, o trio-de-ferro da dívida latino-americana (Brasil, México e Argentina) somou exportações de US\$ 17 bilhões para uma remessa conjunta de juros de US\$ 4,3 bilhões. Ano passado, o trio faturou US\$ 52,1 bilhões mas os juros saltaram para US\$ 26,2 bilhões. Importações e bens e serviços queimaram outros US\$ 28,3 bilhões.

Nas importações, o fenômeno lateral: o baixo teor de compressibilidade das compras externas, especialmente no caso brasileiro, que não pode abrir mão das importações de petróleo, de adubo, de matérias-primas de bens de capital.

No atual perfil da economia brasileira, um crescimento desejável ou inadiável do PIB desaquecido reclamaria importações essenciais de US\$ 22 bilhões, no mínimo. Pois vamos nos contentar este ano, com US\$ 15,5 bilhões, na última previsão da Cacex.

Descartado o impacto recessivo da inibição das compras externas, temos o efeito bizarro da autofagia cambial: até para exportar mais, não podemos importar menos. E não apenas por conta da reciprocidade que deve patrocinar as trocas mundiais, também por força, da dependência do aparelho produtivo a insumos e componentes importados.

Esse efeito "boomerang" alcança, igualmente, o outro lado da moeda. Os Estados Unidos amargam um "déficit" comercial marciano, estimado em US\$ 130 bilhões, de janeiro a dezembro. O rombo lunar é cavado pela combinação do crescimento das importações com o murchamento das exportações bloqueados pelo super-dólar. E com a descoberta: os países endividados da América Latina reduziram de US\$ 30 bilhões suas compras nos Estados Unidos...

A projeção é de Fred Bergsten, que integrou a assessoria econômica da Casa Branca no Governo Carter.

Na composição da dívida com o comércio a situação menos penosa é a da Argentina, segundo o critério de vulnerabilidade utilizado pelos bancos — o da relação dívida líquida versus receita de exportação. O coeficiente argentino é de 2,3. O brasileiro aproxima-se de 3,5.

Falando, outro dia, na Universidade de Virgínia, para um auditório de economistas, banqueiros e funcionários de Washington, Afonso Celso Pastore rabiscou no quadro-negro uma equação apocalíptica: se a exportação brasileira crescer de 10 por cento ao ano com juros da dívida estacionados na faixa de 12 a 14 por cento ao ano, o atual coeficiente de vulnerabilidade, risco máximo, deve perdurar até o ano 2068. No mínimo.

Vou esperar para conferir.

Para aumentar as exportações em valor, a esse ritmo espartano de 10 por cento ao ano, o Brasil terá de contar com uma caprichosa conjugação de fatores externos, fora do nosso controle.

De um lado, a retomada da prosperidade mundial bruta, comércio internacional crescendo de 2,5 por cento ao ano, por baixo. De outro, a reconquista de um sistema monetário internacional digno do nome, que o atual já morreu e não foi avisado.